

AOS ESTUDANTES

Colegas: Entende a Comissão de Luta da Academia ser sua obrigação neste momento que surge cheio de interrogações e de dúvidas para todos nós, fazer um balanço da luta desenvolvida até aqui e apontar linhas de rumo para o futuro. Estamos conscientes de que tal como anteriormente é a clareza dos objectivos, a compreensão global da perspectiva da luta estudantil que nos permitirá consolidar posições e, o que é muito importante, não nos deixarmos dominar pelo desânimo, permanecermos na luta.

A perspectiva de luta a nível nacional que se propunha na última Assembleia Magna, Greve Geral como posição a assumir pelas 3 Academias ou por número significativo de Escolas de Lisboa e Porto, mostrando desde logo a Academia de Coimbra o seu empenhamento nesse sentido, era sem dúvida (e agora mais claro do que nunca) a forma de luta que permitiria uma oposição frontal e eficaz ao MEIC e à sua política. Preparar terreno a nível nacional (Lisboa e Porto) por formas de organização que ultrapassassem os barreiros tradicionais que são certas Direcções Associativas, caminhar para formas de coordenação nacional partindo primeiramente de coordenações de Academia (Lisboa e Porto). Era, sem dúvida apostar no futuro, era confiar no Movimento Estudantil Nacional, era a possibilidade de vitória e acima de tudo, seria uma experiência da luta estudantil cheia de ensinamentos.

Assim o não considerou o conjunto dos Estudantes. Assim o não consideraram forças políticas actuaentes no Movimento Estudantil, assim o não consideraram elementos da Comissão de Luta.

Porque isto, que fazer?

Antes de mais compreender e depois permanecer na luta.

As dificuldades surgem agora em catadupa, temos que resistir e manter a todo o custo as conquistas que arrancámos após o 25 de Abril. Vir-nos em torno do objectivo que nos propusemos alcançar: o Caderno Reivindicativo da Academia para isso é necessário em primeiro lugar não lançar a divisão entre nós, nem deixarmos isolar as escolas umas das outras.

A perspectiva de acção a nível nacional mantém-se como plano de acção, a coordenação é uma necessidade de que se deve suprir.

O que se passa a nível nacional, a relação de forças entre as classes fundamentais da sociedade, longe de serem frases pré-fabricadas, têm muito a ver com a movimentação estudantil. O que se passa hoje no Alentejo, sobretudo no distrito de Beja, onde as forças militarizadas assantaram arreais, onde os assalariados agrícolas se veem permanentemente ameaçados de desocupação da terra que trabalham; o que a lei dos despedimentos permite (14 dias de par na rua "com justa causa"), os operários da Agfa que o digam; o que se pretende ao regulamentar os C.T.s.; tem muito a ver, determina mesmo a perspectiva da luta estudantil. Um governo que manda o SNR contra trabalhadores, mais facilmente reprime os estudantes e encerra as escolas. Preparar a opinião pública, monopolizar a informação, isolar os estudantes, caluniar a sua luta, é o 1º passo.

É isto, em última análise, o conteúdo a dar à palavra de ordem: Trabalhadores e Estudantes a mesma luta!

É neste contexto que se tem que entender o plano de acção para o futuro. É neste contexto que se deve integrar a actuação das forças políticas que quando a unanimidade ou quase unanimidade se perde no movimento estudantil devido ao avanço do processo da luta, recuam, por sistema, até essa unanimidade com as cedências inevitáveis que implica. Efectivamente tais forças podem empurrar, mas não são determinantes (a situação a nível nacional, o próprio resultado eleitoral que pode ser explorado como aval a Sotto Mayor Cardia e António Barreto, essas sim são determinantes). Não devemos substituir essas forças nomeadamente na Academia de Coimbra.

Quebrar o isolamento que nos querem impôr em relação à população e aos trabalhadores do país, apoiá-los de todas as formas na sua luta quotidiana, agarrar as escolas reforçar as estruturas de curso, ano e as Comissões de Escola e ter especial atenção aos colegas dos 1ºs. anos menos familiarizados com as tradições de luta e de solidariedade da Academia e por vezes traumatizados politicamente pela experiência que trazem dos Liceus - um ano de espera, são eixos fundamentais para o Movimento Estudantil.

TRABALHADORES E ESTUDANTES UNIDOS E ORGANIZADOS ATÉ À VITÓRIA FINAL !

Coimbra, 14 de Dezembro de 1976

A COMISSÃO DE LUTA DA ACADEMIA